

Novas Motivações

“Sois chamados a estar em contacto com espíritos de naturezas diferentes, de caracteres opostos: não choqueis a nenhum daqueles com quem estiverdes.” Um Espírito Protetor. (Bordéus, 1863.)

O Evangelho Segundo Espiritismo, capítulo XVI, item 10.

Dois dias depois, Marcondes encontrava-se lúcido. Não carecia de cuidados especiais. Rosângela já não estava mais ao seu lado. Doutor Inácio passou para uma avaliação de rotina e, como de hábito, cumprimentou jocosamente:

— Olá, Marcondes! Vejo que sobreviveu!

— O senhor é... Doutor Inácio?! – recordou ainda com certa dificuldade.

— Sim, sou eu mesmo em carne e osso, digo, em espírito!

— O que aconteceu comigo, Doutor Inácio? Por que me encontro nessa sala sozinho? Porventura meu câncer não acabou?

— Calma! Vamos por etapa. Não é bem isso. Digamos que a causa do câncer continuava! – e apontou com o indicador a região genital do paciente com várias suturas.

— Mas como pode? Não deixamos as doenças no corpo quando desencarnamos?

— Nem sempre é assim, amigo! Eu mesmo tive um terrível enfisema e estou tossindo até hoje. E veja que já morri há mais de quinze anos.⁽¹⁾

Como sempre, em tom de humor, o médico uberabense alegrava Marcondes com sua fala descontraída.

— Mas o corpo não é um “mata-borrão” como ensina a doutrina?

— O que os espíritas não sabem é que o perispírito é mais mata-borrão que o próprio corpo. Tem até morte por aqui.

— Doutor Inácio!

— Certamente o senhor não acredita, não é mesmo?

— Não li nada a respeito nos livros espíritas.

— Ah, os livros espíritas! Sempre os livros espíritas!

— O que há de errado com eles?

— Não é com eles o problema! Os espíritas estão transformando-os em “bíblia sagrada” como se possuíssem a última palavra em matéria de Verdade.

— Tenho opinião divergente à do senhor!

A perspicácia do médico era ilimitada. Divergir significa interessar-se pelo tema. Ele percebia a atração do paciente para o diálogo e via nisso uma terapia. Já o vimos dialogar horas a fio com alguns pacientes que se entretêm com a prosa e esquecem suas dores. Divagar, entreter com assuntos nobres, em algumas situações, tornava-se terapêutico.

— Os livros são ótimos, mas as interpretações dos espíritas, com raras exceções, rastejam no religiosismo. Estão sacralizando livros que deveriam ser estudados, meditados e pesquisados. Chamo isso de “dogmatismo psíquico”, uma doença incrustada na cabeça da maioria de nós que peregrinamos pelo igrejismo.

— O que o senhor acha, por exemplo, de André Luiz?

Marcondes lembrou-se da reunião que participara dias antes no Hospital e desejava voltar ao assunto.

— André Luiz é uma contribuição ímpar. E você Marcondes, o que pensa de André Luiz?

— Não existe nada melhor para mim! Queria mesmo saber se poderei ler a sua obra aqui na vida espiritual.

— Aqui você terá acesso a livros bem mais completos e reveladores.

— Imagino que devam ser livros bem fiéis à pureza doutrinária, certo?

— Achei que você estava melhorando! – disse caçoando o médico.

— Bem que me disseram que acharia alguém que adora caçoar por aqui!...

— Minha vida é caçoar e refestelar com as diferenças de todos nós! Não se espante!

— O senhor ainda não me respondeu sobre a pureza doutrinária!...

— Marcondes, você não está mais no seu mundo espírita imaginário, gestado pelas estreitas concepções dos cinco sentidos. Isto aqui é realidade e não o que a pureza doutrinária lhe ensinou. Os problemas dos companheiros de ideal com o livro espírita começam exatamente neste tema. O que é puro? O que é Verdade? Quem a pode decretar? Quais os limites da sensatez em matéria de filosofia da imortalidade? Amigo, vou lhe dizer uma verdade sobre a Verdade: os espíritas estão doentes de soberba ao imaginarem que sabem tudo sobre vida espiritual.

— Começo a perceber, Doutor Inácio! Começo a perceber! Nisso concordamos... – expressou Marcondes, demonstrando alegria.

— Você tem noções de quantas semanas se encontra no Hospital?

— Pouco mais de quatro semanas em meus cálculos. Estou certo?

— Sim, está! Quanta diferença o senhor presenciou

nessas paragens que nunca leu nos livros doutrinários?

— Nem sei como responder. Tudo é bem diferente do que imaginei. Quando olho meu corpo e vejo estes curativos, este odor... Esta sala, a sua conversa, este Hospital, aquela reunião de debates e outras tantas coisas, começo a pensar que não sabia nada sobre vida imortal.

— Bom sinal Marcondes! Bom sinal!

— Doutor Inácio, posso ser franco?!

— Admiro pessoas francas!

— É que passam algumas idéias pela minha cabeça e...

— Fale logo, homem, porque senão vou ler seu pensamento!

— Tem hora que o senhor me deixa dúvidas sobre seu comportamento.

— Em que sentido?

— Nunca conheci um espírita tão franco.

— O senhor quer dizer mal-educado e irônico. Não se acanhe de falar!

— Confundo-o com um mentor, ou... , ou um...

— Um capeta?! – expressou-se o psiquiatra com seu irremediável bom humor.

— É! É isso mesmo!

— Não tenha dúvidas que sou! Digamos que sou um “bom capeta”!...

— Jamais imaginei um espírita com suas características!

— O que faz o senhor pensar que sou espírita?

— E não é?

— Não! Na minha avaliação sincera, nunca me vi plenamente espírita.

— Então o que o senhor é?

— Alguém à procura de si mesmo. Um sujeito “meio-louco”!

Marcondes sorriu prazerosamente, embora com muita limitação.

— Agora vou me retirar. Volto assim que puder para jogarmos uma conversa fora!

— Antes de ir, uma última pergunta, por que gosta tanto das pessoas francas?

— É muito fácil gostar de pessoas iguais à gente. Entendeu?

— Acho que sim! Obrigado Doutor Inácio!

— Agradecer é um ótimo sintoma de melhora. Gostei da atitude. Por isso vou lhe dar um “prêmio”.

— Prêmio?

— Estarei liberando visitas para você a partir de amanhã. Até!

— Até!

Antes de deixar a ala, o psiquiatra prescreveu algumas medidas junto aos atendentes no posto. A dor modificara, sensivelmente, o coração do doutrinador. E por um desses caminhos singulares da vida, Doutor Inácio, com seu temperamento ímpar, despertava-lhe um sentimento de admiração. Novas motivações começavam a tomar conta de suas emoções. A gratidão e admiração pelas diferenças alheias constituem excelente quesito de avanço para as criaturas habituadas à arrogância. Marcondes iniciou sua educação emocional sem ter noção abrangente do que significou aquele momento espontâneo de interesse pelas palavras do médico.

(1) Inácio Ferreira de Oliveira desencarnou em 27 de setembro de 1988.